

# PT abre campanha para sucessão<sup>46</sup>

*Dividido em dez tendências, partido elege neste fim de semana os dirigentes de 17 diretórios*

MARIA EUGÉNIA

O PT do Distrito Federal dá, neste final de semana, a sua arrancada rumo às eleições de 1998. Nas 17 zonais do partido, serão eleitos novos diretórios, além de delegados que vão eleger, na primeira semana de julho, a nova direção regional do partido. É sob este novo comando que o partido vai enfrentar a campanha eleitoral e tentar manter-se à frente do Palácio do Buriti. Em nome desse projeto, as diversas tendências do partido se articulam pela unidade e pelo fim das crises internas.

"A partir de agora, não temos mais o direito de errar. Nem o PT e nem o governo", reconhece a presidente regional do PT, deputada Maria Laura. Única candidata declarada ao cargo de presidente do partido, a deputada ressalta a importância desse momento para a legenda: "Estamos escolhendo as pessoas que estarão no comando do partido durante a campanha. Estamos selando o futuro do partido", destaca.

As 10 teses apresentadas este ano, que retratam a posição de cada grupo em relação ao momento político atual, trazem análises mais leves daquelas apresentadas em 1995, quando o governo de Cristovam Buarque foi atacado por todos os lados. As críticas continuam as mesmas: distância com a militância, aproximação com os empresários, fisiologismo, chantagem e falta de interlocução. Mas vêm escritas com palavras mais brandas, permeadas entre elogios aos programas da bolsa-escola, BRB-Trabalho e agroindústrias familiares.

**Disputa** - Nas zonais, a disputa está acirrada. Só no Plano Piloto, que engloba lagos Sul e Norte, são 11 chapas inscritas que vão disputar a preferência de 1.700 filiados. Em Taguatinga, nove chapas concorrem à presidência do dire-

tório zonal. Na satélite mais desejada pelos políticos petistas, não há consenso nem na tendência majoritária do PT, a Articulação. Mas se para alguns essa diversidade é sinal de divisão, para a presidente do partido é prova de democracia: "É a pluralidade em torno de um denominador comum", afirma a deputada Maria Laura.

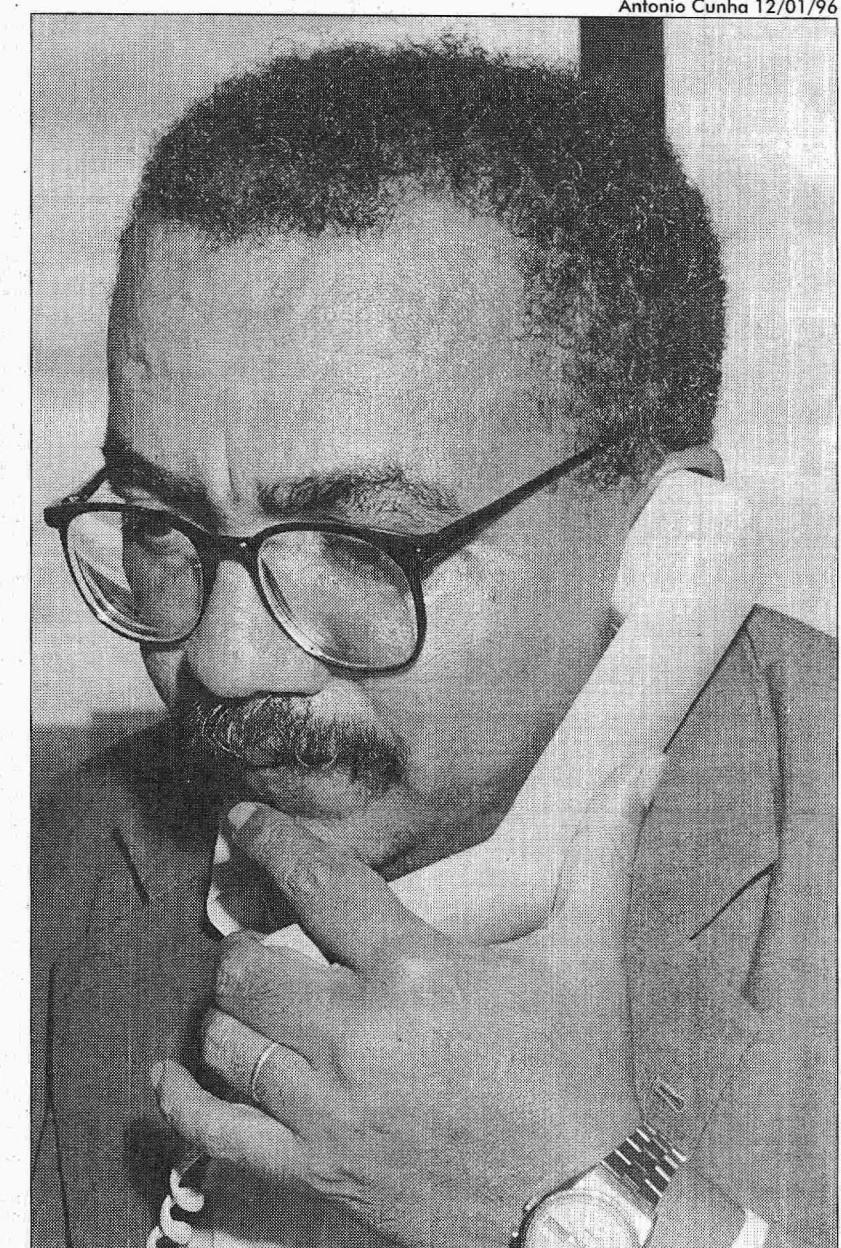
As eleições zonais e regional, disputadas a cada dois anos, trazem uma novidade nesta edição. O grupo palaciano (petistas que compõem o governo) decidiu se organizar e formar um agrupamento: a Esquerda Viva. Na tese assinada por várias estrelas do governo, entre elas a vice-governadora Arlete Sampaio, e os secretários Swedenberger Barbosa (Governo), Antônio Ibañez (Educação) e Hermes de Paula (Obras), há lugar para críticas, principalmente com relação à ausência de uma política para os servidores públicos.

**Problemas** - "Destacamos muitos avanços no governo nos últimos dois anos, mas não podemos fechar os olhos para alguns problemas", confessa Arlete Sampaio. Para ela, é o momento certo do PT pensar em união e em consolidar as alianças com os demais partidos da Frente Brasília Popular (PDT, PCB, PC do B, PPS, PSB e PMN) se realmente quiser permanecer no comando depois de 1998.

O presidente do PT de Sobradinho, Paulo Tadeu, concorda com essa posição. "A partir de agora só podemos pensar em união. Por isso, considero esse o momento político mais importante do partido depois das eleições de 1994", lembra. Em Sobradinho, três chapas disputam a presidência. Mas a briga está mesmo entre o grupo Em defesa do PT (uma dissidência da Articulação) e uma composição formada por diversos agrupamentos, entre eles o Esquerda Viva, o MRS e a Força Socialista.



Maria Laura, candidata à reeleição: "Não temos mais direito de errar"



Deputado Chico Vigilante defende união em torno de um só nome